

PREFÁCIO

Uma nota pessoal. Espero que me seja perdoado começar por aí, tomando certas liberdades incompatíveis com a ortodoxia acadêmica -mas, afinal, à beira do abismo, quem se importa com ortodoxias?

Em junho de 2020, eu concluía a redação de meu livro sobre o fascismo no Brasil, “Dentro da Noite Feroz”, buscando metabolizar a derrota histórica -talvez não seja excessivamente melodramático completar: a derrota de um sonho fraterno de país. Estavam em curso três batalhas: uma delas era interna. Era preciso elaborar a angústia e resistir ao estilhaçamento psíquico. Afinal, a vitória política da estupidez aviltante e sanguinária dissolvia os limites do possível, tornando real o que sempre havia sido inverossímil. O risco maior quando a loucura assume o poder é que o delírio contagia e você pode se infectar.

A segunda batalha era externa: como resistir, nas atividades profissionais e pessoais, ao avanço predador do obscurantismo e da violência, encarnados no mais improvável personagem de fãncaria?

A terceira entrelaçava as duas anteriores, radicalizando a subversão dos limites que separam os domínios de nossas vidas (e mortes), limites a partir dos quais pensamos e agimos: entre o corpo e o ambiente, o eu e o outro, o particular e o universal, o subjetivo e o objetivo, a cultura e a natureza, o desejo e o horror, a realidade bruta e o delírio paranóico. O vírus cruzava o espaço distraído, sem reconhecer fronteiras ou pagar pedágio a identidades e veleidades simbólicas. Nem mesmo os ritos funerários que ajudam a processar a dor e compartilhar o luto puderam ser acionados para nos devolver a sensação (embora ilusória) de previsibilidade e controle, afastando vida e morte com os protocolos que formalizam as separações.

Pois é, a pandemia suspendeu rotinas, virou o mundo de ponta cabeça e trouxe a lume a inexorável permeabilidade de nossos corpos: ao ambiente e aos outros. Expuseram-se à luz gelada do sol noturno a vulnerabilidade, a finitude e a irreduzível inter-dependência que nos constitui. As leis da economia capitalista, vendidas e assimiladas como naturais, foram para o espaço num piscar de olhos. O mercado recolheu-se, o Estado assumiu responsabilidades inauditas e outros arranjos entre o público e o privado, o coletivo e o individual, mostraram-se viáveis. A força incontida da natureza paradoxalmente desnaturalizou rotinas e hábitos mentais, o que não foi só negativo, porque levou muita gente a questionar o pacote ideológico que antes consumia acriticamente. Ou seja, a elasticidade

do real, reconfigurando o campo do possível, também teve o efeito de apontar nossas consciências para direções mais nobres. Todavia, o fascismo não é plástico, a liderança vocacionada para destruir não é flexível. Em vez de surfar a onda do solidarismo e se cacifar, o presidente-capitão montou a crise sanitária como cavaleiro do apocalipse.

Manter-se apumado, descobrir o que fazer para mudar e cuidar de si e da comunidade: era esse o tríplice desafio, em junho de 2020, quando recebi a notícia de que meu contrato fora confirmado e eu daria aulas por um ano (eventualmente renovável por mais um) como professor visitante na pós-graduação de Ciência da Literatura, na UFRJ, a partir do segundo semestre. A aprovação, aplicadas as condições seletivas do edital, tinha acontecido em 2019, mas a crise obstara os trâmites burocráticos e tudo se tornara incerto. A tarefa imediata era encaminhar uma proposta de disciplina à direção.

Foi nesse contexto, sob o impacto revitalizador da notícia que tinha para mim um significado muito especial -era antiga minha vontade de retomar o fio da meada de minha formação original e retornar à literatura-, mas também na atmosfera dolorosa de perdas, medo e perplexidade, que esbocei o projeto da disciplina “Escrever o futuro: ficção científica, política e além”, o qual seria desdobrado, um ano depois, em outra disciplina, “Irrealismos prospectivos, ficção científica e as artes da guerra híbrida”, que ofereci em colaboração com o colega Felipe Lima. Ambas dialogavam, como pretendo demonstrar adiante, com os três desafios e as três batalhas que era necessário travar. A ficção científica, entendida em sentido amplo como campo de experimentação estética e reflexiva, prestava-se a nos municiar nas três frentes: elaborando a angústia e a perplexidade, inspirando a retomada da iniciativa política contra o fascismo e absorvendo as duras lições da pandemia -sem triunfalismo, reconhecendo as contradições, cada processo envolvendo sua própria fragilidade.

Por mais que sejam sempre questionáveis as divisões por gênero da produção estética, em particular as classificações das obras literárias segundo temas identificados nos títulos e nas indicações imediatas dos enredos, por mais que “ficção científica” seja um rótulo reducionista, em certo sentido pueril e comercial, é inegável que há algo em comum entre, por exemplo, para ficar com alguns dos livros que lemos e discutimos: *A Mão Esquerda da Escuridão*, *A Curva do Sonho* e *Os Despossuídos* (de Ursula Le Guin), *Solaris* (de Lem Stanislaw), *A Cidade & A Cidade* (de China Miéville), *As Crônicas Marcianas* (de Ray Bradbury), *Sankofia: breves histórias sobre afrofuturismo* (de Lu Ain-Zaila), *A Parábola do Semeador* (de Octavia Butler), *O Último Gozo do Mundo* (de Bernardo Carvalho), *O Deus das Avencas* (de Daniel Galera), *A Estrada* (de Cormac McCarthy), *O Ministério para o Futuro* (de Kim Stanley Robinson) e *Piquenique na estrada* (de Boris e Arkady Strugatsky).

O que une esses livros tão diferentes? Eles se inquietam e nos inquietam com o futuro e a alteridade, e nos põem na dança, a nós leitores e leitoras, convocando nossa imaginação, provocando nossa sensibilidade moral e mobilizando nossos afetos em conexões originais e surpreendentes. Nem sempre a ciência está presente, ou a tecnologia, mas ambas se insinuam por seus efeitos, maravilhosos ou catastróficos, ou por sua ausência, abrindo vazios assombrosos que preenchemos com a admissão de nossa ignorância e de nossa impotência.

Mark Fisher nos alertou para o fato de que se tornara mais fácil conceber o fim do mundo do que o fim do capitalismo -e, portanto, uma forma alternativa de organização econômica e política. Essa curiosa convivência entre a fertilidade da imaginação distópica e a esterilidade da imaginação econômico-política expressaria o caráter insidioso da mercantilização, a penetração profunda do que o autor denomina “realismo capitalista” em nosso modo de pensar e sentir, atrofiando nossa capacidade de imaginar -sejamos gratos a Luiz Costa Lima, que há décadas vem tematizando o controle do imaginário. A ideologia de mercado, sobretudo em sua manifestação neoliberal, naturaliza o mundo sob a regência do capital, como se a sua atual configuração correspondesse a imperativos ahistóricos e alheios à ação humana: “as coisas simplesmente são o que são, e assim deveriam ser”. A obra de Fisher visa nos despertar de nosso sonho dogmático e clama por mudança. Especialmente, provoca nossa imaginação.

Em matéria de imaginação de mundos alternativos, a ficção científica nos fornece um repertório quase inesgotável, mesmo se excluirmos os exercícios apocalípticos, aqueles que conduzem a distopias e as levam ao extremo. Tais exercícios caberiam no escaninho das fantasias menos exigentes e produtivas, porque mais conformes ao realismo capitalista, cuja maldição seria a seguinte: “Quem ousar ir além de mim, despencará no último círculo do inferno.” Como se percebe, a imprecação curiosamente inverte a ameaça divina no episódio bíblico de Sodoma e Gomorra, as cidades destruídas por seus próprios vícios: “Quem olhar para trás se transformará em pedra”. Para o capital, quem olhar para a frente ou para fora da órbita de sua lógica será transformado em pedra: apedrejado, ultrajado como louco, irresponsável, indigno de respeito e atenção. Mas há também distopias que funcionam como críticas radicais ao sistema patriarcal e capitalista (e não apenas, por certo). Elas desenham futuros cataclísmicos que revelam os componentes destrutivos inscritos em nosso cotidiano normalizado. Nessa medida, nos ajudam, já o disse Fredric Jameson, a pensar fora da caixa, a conceber alternativas, a exercitar a fabulação utópica, sobretudo nos incutem o sentimento de urgência, a urgência de experimentar, a imprescindibilidade de questionar, a legitimidade de rebelar-se, a necessidade incontornável de tentar construir alternativas ante as iniquidades

monstruosas, a exploração de classe, as desigualdades abissais, os ataques sucessivos às sociedades originárias, o racismo, a misoginia, a transfobia, o colonialismo, a devastação de todas as formas de vida.

É claro que literatura não se confunde com tratado sociológico nem filosofia política, embora, por outro lado, a título de estímulo à leitura, à escrita e às pesquisas, talvez se possa afirmar que a consolidação (reificação?) da autonomia das distintas esferas da vida social tenha sido mais perversa com a política democrática participativa (insulando a política na institucionalidade e blindando a economia de mercado) do que benéfica para a liberdade da invenção estética (atribuindo-lhe autossuficiência e deixando de lhe cobrar responsabilidade ético-política). Mas o que importa aqui é salientar que diferenças e especificidades devem ser valorizadas e que não faria sentido esperar, de romances e contos sobre o futuro, estudos científicos, panfletos políticos ou programas partidários. Ainda assim talvez não seja exagero dizer que, mais do que à própria política, ou à ciência e à filosofia, devemos às artes, à literatura, ao cinema, ao teatro, às artes plásticas, aos quadrinhos e mesmo à música, muito dos impulsos prospectivos que nos animam nas ações coletivas vinculadas a desejos emancipatórios. Nossa paixão pela arte talvez seja a metabolização anímica da paixão pela metamorfose, cujo pressuposto é a construção solidária, em liberdade, do comum (não do solipsismo narcísico). Não é de política que se trata, portanto? Metamorfose significa alteração, transformar-se equivale a alterar-se, tornar-se Outro e lançar-se em direção ao Outro, inclusive em direção a essa alteridade que localizamos no interior de nós mesmos, mas que só se realiza externalizando-se.

Pois aí está a linguagem: de *arché a telos*, é dela que se trata. É da linguagem que nos apropriamos para ocupar nosso lugar, apesar de nosso destino, enquanto sujeitos, ser o exílio. É na linguagem que travamos o corpo a corpo com o mundo que nos é dado viver, e é também aí que moldamos a vida e damos ao mundo outras configurações. É nesse terreno que nos encontramos com os outros e com a aventura da leitura e da escrita, é onde exploramos essa ourivesaria intangível chamada literatura.

Apontar a escrita para o futuro (fazendo-o mais do que a mera extensão do que é) ou para alteridades (o passado revisitado ou o presente desconjuntado pela implosão das cadeias lógicas de causa e efeito, por exemplo), alteridades em conflito com o princípio de realidade, alargando a mimesis além dos limites -que então se redefinem-, essas são algumas peculiaridades do gênero “ficção científica”, que ele compartilha em parte com outros gêneros, posto que são todos híbridos e sincréticos. O trabalho de ampliação do possível não exige que a realidade inventada seja compreensível, basta que sejam verossímeis as

manifestações do ininteligível, o que se obtém por mediações diversas, como o assombro e a perplexidade dos personagens. Tocar a borda do incompreensível angustia, mas cumpre o papel de nos mostrar que tantas vezes convivemos com o absurdo -moral, político, social ou material-, conjurando-o, neutralizando o que nele deveria nos comover, indignar ou interrogar. Visitar o inusitado na ficção desperta em nós a consciência do que há de escandalosamente misterioso e desafiador ao nosso lado, em nossa própria rotina, dentro de nós: o mistério da vida e da morte, o enigma da linguagem e da consciência, o dilema do convívio com os outros e a natureza, as incógnitas do poder e do desejo. Perceber o cotidiano com espanto implica -ou poderia implicar- dispor-se a começar de novo: a duvidar e hesitar, a pensar outra vez, testar novas categorias, agir de outros modos, experimentar outras modalidades de vida coletiva, outros modelos de sociedade, outras versões de nós mesmos.

Estão aí, fervilhando, algumas ideias e recursos interessantes para os três desafios e as três batalhas que talvez não sejam apenas minhas, afinal de contas, nem propriamente solitárias: subjetiva, política e transnatural -veloz e feroz como o vírus.

Devo concluir, sublinhando que, tanto quanto as reflexões sobre temas, obras, autoras e autores, foi marcante para mim, em parceria com o colega Felipe Lima, o encontro com as turmas. Estabelecemos uma interlocução afetuosa e fluente, divertida e aberta, plural e criativa, de estímulo recíproco, que se estendeu para além das disciplinas, como se constata na presente publicação. Ter merecido o convite para prefaciá-la, pelo qual sou muito grato -convite que recebi como um privilégio-, me alegra e orgulha. A leitura desta “Garrafa” renova minha convicção de que novas gerações intelectuais estão preparadas para superar o legado e as contradições que herdaram.

Luiz Eduardo Soares